

# COMUNISMO EM FAMÍLIA\*

Geraldo de Majjela\*\*

## 21 DE ABRIL

A história do comunismo alagoano é um capítulo à parte da história de Alagoas, que tem sido escrita e editada sem referências aos movimentos sociais vinculados aos trabalhadores e suas representações políticas. O PCB é uma dessas instituições umbilicalmente ligadas, desde suas origens – em 1928, quando foi fundado em Alagoas –, à classe trabalhadora urbana e rural, aos intelectuais e camadas médias de nossa sociedade.

Essa história que será escrita decerto incluirá um núcleo essencial na longa trajetória do Partido Comunista em Alagoas: a família Miranda. O que afirmo pode parecer uma referência benevolente, descabida ou exagerada, mas será difícil escrever a história do PCB sem mencionar a participação dos membros dessa família.

Evidente que a história de uma organização política a exemplo do PCB não deve ser escrita tendo como base a família Miranda ou qualquer outra especificamente, mas desconsiderar o papel dela pode ser um erro brutal. Também não quero com isso dizer que a totalidade da família teve ou continua a ter papel destacado na vida do partido, mas ao longo das últimas seis décadas sempre teve um Miranda nos organismos dirigentes.

\* O “Comunismo em família” é um dos capítulos do livro *Caderno da militância: histórias vividas nos bastidores da política*, que será publicado em 2006. Esse livro é um diário onde parte significativa da vida interna do PCB e de outras forças da esquerda alagoana virá a público.

\*\* Geraldo de Majjela Fidelis de Moura Marques, historiador, ex-ouvidor geral do estado de Alagoas e ex-presidente da Fundação Universidade Estadual de Alagoas (Funesa). Foi durante vinte anos militante e dirigente do PCB em Alagoas e membro da direção nacional.

A participação política dos Miranda inicia-se na longínqua década de 1930, em Maceió, quando a jovem Tabita Simplício de Miranda e seu marido José Alípio Vieira Pinto começam a travar contatos com a militância do partidão.

Os pioneiros dessa “saga familiar” têm nas figuras de Tabita e José Alípio o seu ponto inicial. Bitá é quem atrai os irmãos Ezequiel e Elias Simplício de Miranda, que sobreviveram aos terríveis tempos dos interventores varguistas no governo de Alagoas e à repressão oligárquica dos Góes Monteiro. Época de profunda intolerância.

Esse núcleo familiar – mesmo com a distância do tempo e a fragmentação do partido – poderá se transformar em tema de estudos de algum pesquisador que perceba sua importância na vida do PCB. Ezequiel Miranda foi certamente o mais destacado ativista da família nos anos 1930. Preso em 1935, em consequência da insurreição armada, que ficou conhecida na história do Brasil como *Intentona Comunista*, em seguida desterrado para a ilha-presídio de Fernando de Noronha, aí permaneceu vários anos juntamente com outros presos políticos: José Maria Cavalcante, ex-cabo do exército, Carlos Marighela, Gregório Bezerra e tantos outros.

Em 1947, cumprindo tarefa do partido, Ezequiel apresenta seu nome para concorrer pela legenda do PCB, que acabara de ser legalizado, a uma vaga de deputado na Assembleia Legislativa de Alagoas. Perde a eleição, mas o partido elege uma bancada com três deputados: José Maria Cavalcante, André Papini de Góis e Moacir Rodrigues de Andrade.

A eleição da primeira bancada comunista na história política de Alagoas é um dos fatos mais significativos da existência do PCB no estado. Em eleições posteriores, no final da década de 1950,

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.20.v0n44.2135>

outros militantes comunistas foram eleitos vereadores em Maceió: o sapateiro Renalvo Siqueira e o portuário Mironildes Vieira Peixoto, eleitos em 1958. Em 1962 os comunistas elegem Nilson Miranda vereador em Maceió, mandato cassado em 3 de abril de 1964. Ainda nesse pleito os comunistas lançam como candidato a deputado federal o general Henrique Cordeiro Oest e o jornalista Jaime Amorim de Miranda como candidato a deputado estadual. Ambos ficaram como suplentes.

Novas gerações foram sucedendo aos velhos “bolcheviques” que iniciaram as atividades políticas durante os anos 1930. Os filhos do casal Manoel Simplício de Miranda e Hermé Amorim Calheiros, o primeiro dos sobrinhos de Tabita, Ezequiel e Elias a seguir trajetória de militante comunista, foi Jaime Amorim de Miranda. Como estudante, dá início a sua caminhada política participando clandestinamente da luta contra o nazi-fascismo. No início dos anos 1940 Jaime já mantinha contatos com o PCB.

É aprovado na seleção para a Escola de Sargentos do Exército, onde permanece algum tempo entre a cidade do Rio de Janeiro e Pindamonhangaba, em São Paulo; desliga-se do exército na condição de 3º sargento. Forma-se em direito, mas é como jornalista que Jaime assume a direção do semanário *A Voz do Povo*, órgão oficial dos comunistas de Alagoas. Nos anos 1950 assume a direção do PCB, coletando assinaturas para o manifesto pela paz e contra a bomba atômica. É ferido em Fernão Velho por um policial a mando da direção da fábrica Carmem, do grupo Othon Bezerra de Melo.

Os descendentes de Jaime Miranda, Yuri Patrice e Olga, foram os primeiros da terceira geração a envolverem-se com a militância. O terceiro filho, Jaime Rocha de Miranda, também se filia ao PCB, restando o caçula, André, que ficou indiferente à militância política.

Nilson é o irmão que segue a “trilha” de Jaime e dos tios. Ainda jovem, sofre perseguições políticas em Alagoas, prisão, inclusive, passando a viver na cidade do Recife, clandestinamente. Trabalha em várias atividades partidárias, mas é nas redações dos jornais comunistas de Pernambuco e Alagoas que ele inicia sua longa carreira como trabalhador da imprensa em rádio e jornal.

No final da década de 1950 participa do processo de fundação dos Sindicatos dos Jornalistas e Radialistas de Alagoas. Por sua ativa participação, foi eleito presidente desse sindicato; em seguida, dirigente nacional da categoria. O golpe militar interrompe sua carreira política e sindical, cassando-lhe o mandato de vereador, de dirigente sindical e os direitos políticos; passa a viver na clandestinidade em vários estados do país. Na década de 1970 segue para o exílio em vários países da Europa: URSS, França e Portugal.

Da prole do jornalista Nilson Miranda, composta de cinco filhos do primeiro casamento, três filiaram-se ao PCB, na década de 1980, em momentos distintos; Alex, o primogênito, Nilson e Marcos; este último mora no Rio de Janeiro e foi dirigente do PCB naquele estado.

Os irmãos Miranda – filhos de Manoel e Hermé – que flertaram com o PCB, tendo alguma participação na União da Juventude Comunista (UJC), foram Edvar e o desportista Hélio Amorim de Miranda. Na retaguarda política dos irmãos Jaime e Nilson, estava sempre Haroldo, o primogênito, radialista, um dos fundadores da Rádio Difusora de Alagoas; era também rádio-ator, publicitário e uma destacada figura da radiofonia alagoana e nordestina.

Haroldo Miranda teve apenas um dos filhos, Wellinson, filiado ao partidão. Wedna, uma de suas filhas, se destaca como militante feminista a partir da década de 1980. É uma das fundadoras do Partido Socialista Brasileiro em Alagoas, a que se filiou.

Wilton Amorim de Miranda, funcionário dos Correios e Telégrafos, mesmo não sendo militante do PCB, mas apenas por ser irmão dos dois comunistas – Jaime e Nilson –, é preso no dia 1º de abril de 1964, quando acontece o golpe militar. Wilton ficou preso na antiga Cadeia Pública de Maceió.

Ao sair da prisão, Wilton é transferido para o longínquo estado do Rio Grande do Sul, configurando mais uma perseguição política contra um dos membros da família. Aposentado pelos militares anos depois, volta a Maceió, onde vive e adminis-

Novas gerações foram sucedendo aos velhos “bolcheviques” que iniciaram as atividades políticas durante os anos 1930.

tra o hotel da família. Três dos seus filhos filiaram-se ao PCB, durante a década de 1980: Leonilson, João Bolinha e Nielze.

Hermé Vasconcelos Miranda, filha de Zenaide (irmã de Jaime, Haroldo, Nilson e Wilton), no final dos anos 1970 filia-se ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), ainda na clandestinidade, quando o Brasil vivia sob ditadura. Hermé fez teatro universitário destacando-se no grupo de jovens atores da época.

O Hotel Atlântico, no imaginário da elite reacionária e anticomunista de Alagoas, era uma “espécie” de *bunker* dos adeptos de Moscou encravado no coração de Maceió.

Da geração oriunda do casal Tabita e José Alípio Vieira Pinto, destaco a formação de uma nova turma de militantes, no período pré-64, tendo como base a ação de seus filhos: Valdemir, Anivaldo, Clístenes, Vólia e Solimar. Esse núcleo familiar foi importante na estruturação do trabalho de recrutamento de jovens estudantes – secundaristas e universitários – para a Juventude do PCB. Yumi Tosaka

Miranda, à época estudante secundarista, filha de Vólia, neta de Tabita e José Alípio, na década de 1980 filia-se ao PCB.

Agregavam-se aos Miranda os sobrinhos de dona Hermé, ramo dos Pedrosa, Amorim, Calheiros. Dessa feita são os filhos do seu irmão Hermes Calheiros que se filiaram inicialmente à União da Juventude Comunista, o engenheiro e escritor Valter Pedrosa de Amorim, Waldir Pedrosa, também engenheiro e economista, Walfredo, chamado pelos irmãos de Deca, funcionário da Petrobrás, e Walfrido Pedrosa, mais conhecido na esquerda alagoana como Nô Pedrosa. Valter e Nô foram presos em abril de 1964, formando o círculo dos Miranda presos pelos militares golpistas.

Esses ativistas movimentaram intensamente a UJC e o PCB no final dos anos 1950 e durante os primeiros anos da década de 1960, até o dia do golpe militar em 1º de abril de 1964. Vários foram presos, outros passaram a viver na clandestinidade; e Jaime Amorim de Miranda, ao sair da Cadeia Pública de Maceió, foi viver clandestinamente na cidade do Rio de Janeiro. Ali foi seqüestrado em

1975 e encontra-se na lista dos desaparecidos políticos.

O Hotel Atlântico foi o símbolo material e sentimental da família Miranda durante décadas. Situado à beira-mar, na avenida da Paz, esse estabelecimento comercial tradicional de nossa cidade foi cuidadosamente administrado pelo “patriarca” da família, o velho Manoel Simplício de Miranda.

O Hotel era o bem material mais importante da família, sua fonte principal de renda, da qual “seu” Miranda extraía o sustento da família. Servia, nas constantes necessidades dos comunistas, de tábua de salvação quando em dificuldades ou mesmo em passagem por Maceió, consistindo em ancoradouro, porto seguro.

O Hotel Atlântico, no imaginário da elite reacionária e anticomunista de Alagoas, era uma “espécie” de *bunker* dos adeptos de Moscou encravado no coração de Maceió. Esse ancoradouro familiar e partidário funcionou como um território liberto em meio às “guerras”, perseguições, vidas clandestinas e refúgios dos membros da família e dos cor-religionários.

Por causa dessa imagem cultivada pela polícia política e pela elite reacionária, em 1º de abril de 1964 o violento delegado Albérico Barros juntamente com Rubens Quintela invadiram o hotel à procura de armas, que os golpistas julgavam existir. Segundo eles afirmavam, trazidas da URSS, de Cuba e do Leste Europeu para os revolucionários de Alagoas deflagrarem a revolução socialista.

O delegado Barrinho encontrou uma família estabelecida na sociedade, trabalhadora e, principalmente, desarmada. Os policiais armados de metralhadoras e fuzis tinham o propósito de chacinhar os Miranda. Os gorilas acabaram saindo do hotel com a frustração de não terem encontrado armas e de protagonizar uma tremenda ópera-bufa.

Olímpio Sant’Ana, um dos fundadores do PCB em Alagoas, foi uma das figuras de destaque na organização do movimento operário no estado nas primeiras décadas do século XX. Olímpio era alfaiate de profissão, negro, originário das primeiras levadas de militantes socialistas que aderiram às idéias comunistas no final da segunda década do século passado. Otávio Brandão, intelectual viçosense, em seu livro de memórias *Combates e batalhas*, relata momentos importantes onde ele, Olímpio e vários

outros companheiros, entre os quais Antonio Bernardo Canelas, Rosalvo Guedes, Umbelino Silva, Manoel Falck, Faustino de Oliveira e tantos outros, atuaram nos sindicatos de trabalhadores e por isso foram perseguidos.

Os descendentes de Olímpio, seus filhos Clodoveu, Geni e Júlio Sant'Ana, entraram para a UJC, durante os anos 1940, depois no PCB. No período de reorganização do partidão, na década de 1980, tornei-me amigo de Júlio Sant'Ana, com quem aprendi muito sobre a história do PCB. Figura simpática e sempre otimista, tornou-se uma referência para mim, de uma geração de comunistas que atravessou os anos e não perdeu o amor pela causa social, pelo socialismo. Já com uma idade bastante avançada, septuagenário, Júlio continuava trabalhando na Delegacia Regional do Ministério do Trabalho (DRT), orgulhando-se de nunca ter faltado ao trabalho por motivo de saúde.

A casa da família Sant'Ana no período em que o PCB foi legalizado em 1945 serviu de escola de alfabetização de trabalhadores, método adotado pelos comunas para conseguir mais eleitores, visto que em Alagoas havia à época taxas elevadas de analfabetos. Geni, a filha de Olímpio, era a professora do operariado, atividade realizada voluntariamente.

Outras famílias foram importantes na reorganização do PCB a partir de 1980. O advogado e ex-deputado Sebastião Barbosa de Araújo participou da primeira reunião formal em que foi escolhido o núcleo dirigente do PCB de Alagoas, que trataria da reorganização, mas infelizmente morreu em pleno Tribunal do Júri na cidade de Arapiraca, quando teve um infarto fulminante. Os seus filhos deram continuidade ao seu trabalho. A primeira a se filiar ao partido foi Réa Silvia Pedrosa de Araújo; em seguida, Heloisa e, depois, João Sapucaia de Araújo Neto.

Com a entrada dos "xiitas" do PSB no partidão, os Agra passam a ter três militantes: Denis, Breno e Eliane Agra, formando um quarteto com o marido Régis Cavalcante. Muitas outras famílias atuaram e com destaque na longa trajetória do PCB em Alagoas, mas confesso que não foi da minha época; refiro-me apenas às com quem trabalhei e convivi pessoalmente. Não desejo, aqui, realizar uma crônica social, muito menos destacar uma família em detrimento de outra, mas deixar registrado em meu

diário esses fatos que julgo no futuro terão alguma importância.

Ao falar do comunismo em família é para, também, dizer que nem todos os filhos, irmãos e netos se tornaram militantes do PCB. Nesse meio tivemos vários casos dos que entraram e rapidamente saíram pelos mais variados motivos. No período 1980-1991, foi o caso do poeta e compositor Paulo Renault Vilas Boas Braga, neto de Júlio de Almeida Braga, operário e um dos fundadores do PCB em Alagoas. Teve uma efêmera participação no partido; creio que alguns meses foi o seu tempo de militante comunista.

A atividade política logo foi percebida por Renault como não sendo a sua vocação, visto que o que lhe atraía era a poesia, a música e a boemia. Nem por isso deixou de ser um cidadão preocupado com as questões sociais, com os pobres. Laudo Leite Braga, filho de Júlio de Almeida Braga e tio do poeta Paulo Renault, é um veterano militante comunista que carrega a tradição familiar na militância comunista desde a mais tenra idade. Atuou em Maceió, Rio de Janeiro e Brasília, onde reside atualmente.

Gilberto Soares Pinto, antigo livreiro e "consertador" de fogão a gás, morador tradicional do bairro popular de Ponta Grossa, milita no partidão desde os tempos em que trabalhou na cidade de Santos, no litoral paulista, na década de 1940. Os seus filhos Edberto Ticcianeli, Etênio e Hergênio Pinto Ticcianeli engajaram-se nas atividades políticas em partidos diferentes. Edberto foi um destacado líder estudantil, elegeu-se vereador em 1982 pelo Partido Comunista do Brasil (PC do B); Etênio, economista, foi um militante ativo do movimento estudantil, filiado ao PC do B; o caçula, Hergênio, teve uma estréia precoce na vida política, aos 14 anos participava de todas as atividades dos estudantes universitários, pichava muros com palavras de ordem alusivas à União Nacional dos Estudantes (UNE), mesmo sendo estudante secundarista.

A casa da família Sant'Ana no período em que o PCB foi legalizado em 1945 serviu de escola de alfabetização de trabalhadores, método adotado pelos comunas para conseguir mais eleitores, visto que em Alagoas havia à época taxas elevadas de analfabetos.

A casa do velho Gilberto era uma célula comunista; para lá acorriam os jovens comunas vinculados aos filhos (PC do B e MR-8) e os militantes em geral da sua faixa etária.

Hergênio surpreende a todos quando traz a representação do jornal *A Hora do Povo*, órgão oficial do Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), para Alagoas. Nessa época, talvez com 18 anos de idade, mas com independência política. A casa do velho Gilberto era uma célula comunista; para lá acorriam os jovens comunas vinculados aos filhos (PC do B e MR-8) e os militantes em geral da sua faixa etária, ou seja, os veteranos, a exemplo de Mário Calheiros, Tibúcio Neves Tenório, José Rodrigues, José Rosa, todos militantes do partidão.

Outro exemplo de comuna com brevíssima passagem pelo partido é o caso de Antonio José Omena Neto, filho do ex-dirigente do PCB Antônio Omena. Neto participou de pouquíssimas reuniões. Da família do ex-dirigente sindical Rubens Colaço Rodrigues, alguns dos seus filhos flertaram

com o partido: é o caso de Rubenita e Roland; ambos tiveram participações esporádicas, principalmente nas campanhas eleitorais. A filha primogênita, a psicóloga Raquel Colaço, é militante do PCB no Distrito Federal.

Finalizo com os irmãos Bóia, que durante os anos 1960 foram ativos militantes do PCB. Jurandir Bóia Rocha chegou à direção da UNE, e em Alagoas foi bastante festejado, inclusive foi destaque no jornal semanário do PCB *A Voz do Povo*. Bóia participou como dirigente da UNE na gestão em que José Serra era o presidente e que, em 1º de abril de 1964, foi dissolvida. Alguns de seus membros foram presos, outros para o exílio. Jailson, irmão de Jurandir, destacou-se no movimento estudantil como estudante do curso de engenharia e agitador; foi preso e condenado, cumprindo pena no presídio São Leonardo. José Rocha é bancário do Banco do Brasil e também foi militante do PCB.

O “inventário” das famílias que em algum momento de sua vida tiveram participação política no PCB está inconcluso. Aludi apenas às famílias com as quais convivi e me lembro de passagens que fiz questão de registrar neste diário.